

## **RELATÓRIO SOBRE A RECENTE ONDA DE MORTALIDADE DE SURUBINS E PROPOSTA PARA FORÇA TAREFA CONJUNTA PARA INVESTIGAÇÃO**

18-04-05

A. Macnaughton, WFT

Desde o fim de janeiro de 2005 tem havido um número assustadoramente alto de enormes fêmeas de surubim mortas e inchadas no rio São Francisco, entre Pontal de Abaeté e Ibiaí. O surubim, um dos peixes mais “nobres” e preferidos pelos pescadores (sendo o outro o “dourado”) é um peixe de couro (peixes sem escamas) carnívoro que vive no fundo do rio. Outras espécies de peixes foram também vistas mortas descendo o rio, incluindo o mandi e o piau, porém, em menores números, e a visão de peixes mortos no rio não é um fato raro. Entretanto, o tamanho dos surubins mortos, bem como o número de indivíduos e as circunstâncias comuns (nenhuma marca visível no corpo, nenhuma observação antes das mortes de surubins procurando ar na superfície) indicam a possibilidade de uma causa comum nas mortes, possivelmente devido a causas não naturais. A maior ocorrência das mortes foi no último mês de janeiro, no ponto alto da estação chuvosa, com algumas observações em fevereiro (ainda na estação chuvosa) e um menor número em março, com alguns registros ainda no início de abril (fim da estação chuvosa). Mais recentemente, uma fêmea de 25kg foi encontrada flutuando na cachoeira à jusante de Três Marias, por Robson dos Santos, um pescador local. O pai de Robson, Norberto dos Santos, chamou a imprensa local, representantes das agências de proteção ambiental, representantes de organizações da sociedade civil, representantes do projeto, ONGs e outros cidadãos interessados em criar uma conscientização sobre os incidentes, para auxílio técnico na remoção de partes do peixe para análise em Belo Horizonte (veja fotos). O projeto forneceu aconselhamento técnico sobre como coletar as amostras dos peixes para análise, como as congelar e tentou, conjuntamente com a polícia militar local, facilitar o envio dessas amostras para análise em Belo Horizonte, embora isto tenha sido difícil devido à lentidão do laboratório em aceitar as amostras.

Os pescadores, as agências ambientais, as ONGs, as companhias municipais de água, as polícias e as comunidades estão todos extremamente preocupados com esses eventos recentes, e querendo trabalhar juntos na partilha de informações a fim de encontrar e deter o que esteja causando as mortes dos peixes. Os pescadores, extremamente ativos, expressaram grande preocupação sobre estas ocorrências e têm um interesse muito grande de participar da investigação da causa das mortes. Alguns especularam que as mortes são devidas ao uso impróprio de pesticidas na bacia do rio de Abaeté, ou devido ao uso de novos produtos prejudiciais que podem ter efeitos neurotóxicos. Isto parece ser corroborado por um registro feito rio acima, por um mergulhador no rio Abaeté, de um surubim nadando estranhamente como se estivesse “bêbado”, assim como pelo fato de nenhum peixe ter sido registrado assim recentemente no rio São Francisco, acima de onde o Abaeté entra no São Francisco. Obviamente, pesquisas mais detalhadas e rigorosas são necessárias a fim de se determinar a causa destas mortes e tentar impedi-las.

No final de janeiro, o projeto foi abordado por um grupo encabeçado pelo SAAE Pirapora (Serviço Autônomo de Água e Esgoto - fornecedor local de água) que pretendia formar uma força tarefa de pesquisa para investigar a mortandade dos surubins, focalizando o rio Abaeté, a fonte suspeita dos peixes mortos. Repare que um surubim, após morrer, leva aproximadamente 26 horas para começar a se decompor, e só irá boiar na superfície, e portanto, tornar-se visível, somente após cerca de dois dias, tempo em que a carcaça pode viajar grandes distâncias rio abaixo. Também, em uma cobertura recente da imprensa (televisão local, inclusive em Pirapora) foram encontrados cinco peixes mortos em Pirapora, o que levantou uma quantidade significativa de pressão da opinião pública para que os fornecedores de água investigassem a fonte das mortes dos surubins. As amostragens iniciais de qualidade da água e os testes com as amostras

dos peixes foram realizados pela instituição, mas os resultados (provavelmente devido ao atraso entre a ocorrência e a amostragem, assim como a condição de decomposição dos peixes, ou a falta de conhecimento de procedimentos apropriados de amostragem) foram inconclusivas.

Desde a realização dessa investigação, o IBAMA em Três Marias, junto às delegações locais do IEF e da Polícia Militar têm tentado unir uma força tarefa para investigar as mortes, mas por enquanto têm tido pouco sucesso em gerar a pressão política necessária em seus respectivos escritórios diretores para formar este grupo e, mesmo tendo o conhecimento geral dos procedimentos para a investigação da morte dos peixes e de um acordo geral da cooperação entre as instituições, ainda falta conhecimento técnico específico, instalações laboratoriais e a experiência funcional da parceria para realizar uma investigação corretamente.

Uma proposta está sendo agora realizada para o Projeto Peixes, Pessoas e Água ajudar na organização desta força tarefa investigativa, inclusive com ajuda na investigação de campo preliminar, com pedidos de parcerias institucionais e com a possibilidade de um seminário de treinamento que envolvesse transferência de experiência canadense sobre saúde dos peixes, impactos de poluentes e análises químicas. Estas atividades seriam complementares e intimamente ligadas às outras atividades do projeto sobre qualidade de água, monitoramento ambiental, redução de impactos em ecossistemas aquáticos, sobre co-gestão, sobre políticas para pesca sustentável e sobre avaliação de estoques e mapeamento biogeográfico regional.

O objetivo da atividade proposta era o de colaborar com as agências de proteção ambiental locais, as agências de pesquisa e os pescadores para investigar as possíveis causas da série de eventos recentes de mortandade do surubim. Além disso, o objetivo foi o de aumentar a conscientização pública sobre o evento e, se descobertas as causas, fornecer auxílio técnico às agências para a tomada de estratégias de mitigação. Também, seriam incluídos treinamentos preparatórios das agências e pescadores para a participação mais eficiente como um grupo de monitoramento ambiental e na resposta/investigação de acidentes ambientais (coleta de dados, amostragem e registro de informação).

As instituições participantes propostas incluem IBAMA, IEF, PMMG, CODEVASF, CETEC, SAAE prefeituras de Pirapora e Buritizeiro, EMATER, as colônias locais de pescadores e a federação. Essa sondagem deve ser terminada até o fim de abril, com dados preliminares de apoio antes das discussões e do desenvolvimento da parceria para montar uma rede de pesquisa contínua de acompanhamento. O planejamento seria uma discussão contínua e o plano inaugural deveria ser até maio de 2005 para a investigação presente. O desenvolvimento do grupo de trabalho poderia continuar até uma data posterior. Já tem acontecido, de uma forma inadequada, envolvendo algumas destas instituições, mas ainda não está bem articulado - pode ser complicado devido à burocracia, etc. A pesquisa, o planejamento e o gerenciamento seriam feitos por Yogi, Alison, parceiros brasileiros e a implementação seria feita por Yogi ou por Alison, com apoio brasileiro e, eventualmente, por parceiros brasileiros apenas.

Alguns resultados concretos que poderiam resultar disto incluem:

- Força tarefa inter-agências para a investigação dos eventos que levaram à mortandade dos peixes no São Francisco de forma eficiente e rápida com participação da comunidade da pesca.
- Uma rede de agências e de pescadores-chave na região treinada para amostragem e no relatório nos eventos de mortandade de peixes.
- Comunidade e agências cientes das possíveis causas para a mortandade e mobilização para apoiar a execução de estratégias de mitigação (estratégias de redução da poluição, oficinas sobre melhores práticas agrícolas).

- A comunidade preparada para tratar dos acidentes ambientais junto à rede técnica de apoio; comunidade melhor preparada para realizar “lobby” ambiental.

Produtos do projeto (relatórios e materiais):

- Relatórios de oficinas e visitas de campo
- Relatórios de treinamento

Atividades de acompanhamento posterior necessárias:

- Apoio técnico contínuo e rede, conforme a necessidade
- Publicidade

As etapas propostas atuais no processo da investigação incluem (sugestões enviadas por Yogi):

- 1) uma visita de barco, descendo o rio, procurando testemunhas deve ser feita logo;
- 2) se uma área provável for identificada, lançar bóias para verificar a taxa de vazão – pode ser demasiadamente tarde para isso, uma vez que o rio está provavelmente muito mais baixo. Entretanto, na preparação para as ações futuras, nós poderíamos começar algumas experiências com o mandi morto como substituo do surubim - quanto tempo leva para eles flutuarem quando apodrecem?
- 3) examinar a área para indícios de causas possíveis da mortandade: drenagem recente de lagoas, plantações agrícolas novas, desmatamento recente, construções, etc. Isto poderia ser também apoiado por análises de imagens de satélite - eu estou verificando isso ainda.
- 4) amostrar o sedimento de áreas suspeitas para análise de resíduos de pesticidas.
- 5) no caso de ser por causas ligadas à agricultura, procurar registros de aplicações de pesticidas, particularmente das aéreas; sugerir mudanças de uso de pesticidas. Não sei se isto se tornaria um caso de uma investigação policial ou se o fazendeiro(s) atuaria(m) voluntariamente.

**Traduzido por: Carolina F. Cardoso Yazbeck, Brasil**